



O caminho inaciano, uma experiência espiritual

É natural que peregrinemos. A humanidade caminha desde as suas origens (e talvez também *em direção às* suas origens). Cada passo abre o caminho e tece, por sua vez, a história. Riscámos o planeta com os traços das nossas pegadas, sempre únicas e aparentemente efémeras. Na nossa genética estão os passos infinitos de toda a humanidade que nos deu origem.

Por sua vez, caminhar, para além de deixar o rasto do que aconteceu e de construir caminhos pelos quais outros farão os seus próprios caminhos, remete para uma procura. O que se procura no caminho, para além de um lugar seguro para viver, do alimento ou do bem-estar, é, sem dúvida, o regresso à fonte infinita de onde brota a verdadeira vida (Jo 4, 7 ss). Há, portanto, uma identificação entre o caminho exterior e o caminho interior, porque, por detrás de cada motivação que nos leva a agir, há um profundo desejo de eternidade que se explicita (e, por vezes, se distorce) naquilo que procuramos.

As pessoas caminham por desporto, por diversão, por respostas, por medo ou por ilusão. Hoje, as pessoas caminham como vítimas de conflitos, fugindo (de um país para outro ou dentro do mesmo país) da barbárie. Andam os comerciantes, os exploradores e os caçadores. Caminham os políticos e os camponeses. Os ateus, os crentes, os jovens e as mulheres caminham... Nós caminhamos!

No entanto, em tudo o que podemos entender por "caminhar", há uma forma muito específica de o fazer: a peregrinação. Homens e mulheres ao longo da história, e em diferentes tradições culturais e religiosas, caminharam durante quilómetros para celebrar a sua espiritualidade, para procurar o mais profundo de si próprios ou para se deixarem encontrar por Deus. Como diz a conhecida canção de Taizé: "De noite iremos, de noite iremos, para encontrar a fonte. Só a sede nos ilumina, só a sede nos ilumina". Parece que o caminho é sábio e abre-nos à experiência essencial.



Em Espanha existe uma antiga tradição de peregrinação ao longo do 'Caminho de Santiago' ou 'Caminho Jacobeo'; no entanto, desde há alguns anos, a Companhia de Jesus, juntamente com as administrações públicas das diferentes regiões, tem vindo a traçar e a percorrer o chamado 'Caminho Ignaciano'. Este é o caminho que Santo Inácio de Loyola percorreu desde a sua terra natal em Azpeitia (País Basco) até Manresa (Catalunha). Este foi o itinerário que o santo percorreu e que o colocou no seu caminho de conversão, sendo o ponto mais alto da sua experiência mística durante a sua estadia na cidade de Manresa.

É um percurso de mais de 650 km, dividido em 27 etapas, em que cada um é livre de decidir quais as que pode fazer, de que forma e a que horas. Existe um site onde cada etapa é explicada, onde se encontram mapas, fotografias, contactos, descrições, indicações, etc. Foi um trabalho sério e dedicado de várias pessoas lideradas pelo P. José Luis Iriberry, SJ, e é certamente o melhor guia para fazer o Caminho Inaciano (www.caminoignaciano.org).

No entanto, os aspectos práticos (o que é sempre importante, embora não totalmente decisivo) e depois de ter tido o privilégio de o percorrer pessoalmente, considero que não se trata de um caminho onde apenas se percorre os locais por onde passou Santo Inácio de Loyola. É mais do que isso: trata-se de construir, com a companhia de Inácio, o seu próprio caminho.

Tive o privilégio de partilhar algumas etapas com um grupo de peregrinos e, noutras, de caminhar sozinha: são dois tipos de caminhos muito diferentes e válidos. Muitas vezes é maravilhoso contar com o apoio dos outros, sobretudo nos momentos de dificuldade, quando a mala pesa mais, quando os pés ardem ou quando o sol ou a chuva não dão tréguas. No entanto, a experiência da solidão e do silêncio, da escuta do próprio corpo, que está longe de ser apenas um recipiente para o espírito, é também inestimável.



As paisagens são belas e de uma diversidade exuberante: caminha-se pelas duríssimas montanhas bascas, com as suas pedras fortes e sólidas que permitem vislumbrar os picos e os vales com espanto e relevo. Caminha-se pelas maravilhosas vinhas de La Rioja. Viaja-se ao longo do sábio rio Ebro. Atravessa-se o inclemente e belo deserto dos Monegros. Também é possível encontrar plantações de oliveiras, frutas e trigo. Finalmente, a presença da imponente montanha de Monserrat, antes de chegar a Manresa, eleva a peregrinação a um nível de graça sublime. Estas macro paisagens, bem como o encontro quotidiano com pequenas flores, borboletas brancas, formigas, coelhos e pássaros fazem da experiência um prazer para os sentidos. No entanto, reconhece-se, com o "passar dos passos", que a beleza destas paisagens não está fora do peregrino, mas que em cada um habita a infinitude que se vislumbra neste aparente "fora". É necessário

para continuar a aprender com a criação, uma vez que a nossa distância da cidade nos afastou consideravelmente deste sábio professor.



É preciso dizer também que o peregrino nunca caminha sozinho, mesmo que ninguém o acompanhe fisicamente. Trazemos dentro de nós as nossas famílias, os nossos amigos, aqueles que ajudaram a moldar o vaso que somos; há também, claro, aqueles que criaram as suas fendas e os seus limites. Caminhamos com o que somos, caminhamos como somos e caminhamos para ser. Ao mesmo tempo, encontramos muitas pessoas locais que, com a sua saudação ou a sua atenção, nos acompanham no caminho e que

também conduzem ao encontro com a Fundação. Entre estas empresas e as dos templos, santuários e ermidas ao longo do caminho, está a ser preparada uma peregrinação comunitária sagrada.

Como grande parte do percurso é partilhado com o "Caminho de Santiago" (nas suas versões francesa e do Ebro, embora em sentido contrário) é possível encontrar não só peregrinos, mas também as infra-estruturas para a peregrinação: restaurantes, bares, albergues de peregrinos, albergues, etc. Há pessoas que fazem o caminho a pé e outras de bicicleta, pelo que os serviços prestados são múltiplos. É possível encontrar desde albergues gratuitos até hotéis de classe média e alta. Há também a possibilidade de *dormir num dormitório* em pleno campo, o que significa que cabe ao peregrino escolher o tipo de peregrinação que quer viver. Não existe uma peregrinação má, mas cada um é livre de escolher de acordo com as suas necessidades. Finalmente, cada decisão no Caminho responde à escuta integral de cada pessoa, às suas resistências, fadigas, medos, esperanças, riscos e desejos.

Nesta experiência, ninguém é mais do que ninguém; somos todos peregrinos e cada um carrega o peso que decidiu levar às costas. Quem caminha tem a possibilidade de se concentrar nas dores ou medos que carrega, de se queixar e lamentar deles, tornando-os assim mais pesados, porque os coloca no centro da sua vida; ou pode caminhar com eles (e consigo mesmo), ou pode caminhar com eles (e consigo mesmo).



O caminho oferece perguntas e deixa emergir as coisas que fazem barulho, mas também abre horizontes de respostas que, no fundo, não são outra coisa senão Ele próprio, na Sua encarnação concreta e presente. Assim, o caminho oferece perguntas e deixa emergir as coisas que fazem barulho, mas também abre horizontes de respostas que, no fundo, não são mais do que Ele próprio, na Sua encarnação concreta e presente.

Pela minha parte, estou profundamente grato por ter tido o privilégio de viver esta experiência, que é, sem dúvida, uma lição de vida.

Que os passos de Inácio continuem a dar-nos luz para tecermos o nosso próprio caminho e para imaginarmos os novos e múltiplos cenários e formas de peregrinarmos juntos na missão que nos foi confiada.

Bom passeio!

Nilson Jair Castro Laverde SJ